

CAPÍTULO 1

A revelação de Deus

“De novo a palavra do SENHOR veio a mim, dizendo...”
— Ezequiel 36.16

Iniciamos nosso estudo de Ezequiel 36.16-38 nos concentrando na declaração introdutória do versículo 16 e, por meio dela, fazendo a análise geral da passagem. Ora, a primeira coisa que chama a atenção de quem está acostumado com a Bíblia é o fato de a expressão encontrada no versículo 16 estar presente em muitas outras passagens da Escritura sagrada. Na verdade, ela é uma das expressões mais características das profecias registradas por Ezequiel, Jeremias, Isaías e outros profetas do Antigo Testamento: “A Palavra do Senhor veio a mim, dizendo” — e depois dela se segue a mensagem profética. E aqui me parece que a mensagem de todo o livro de Ezequiel nos é apresentada de forma muito clara e objetiva nestes versículos.

O contexto é sempre interessante. Quando esta palavra de Deus veio a Ezequiel, os israelitas não estavam apenas em apuros, e sim no cativeiro. Ezequiel foi um dos profetas que escreveu durante o cativeiro. Alguns dos outros profetas, como Isaías e Jeremias, escreveram antes do cativeiro, en-

quanto os israelitas ainda estavam na sua terra. Na época do aparecimento de Ezequiel, a calamidade já havia ocorrido; a ruína já lhes sobreviera. Sua grande cidade havia se tornado um monte de escombros e eles foram levados cativos pelos caldeus, para a terra de Babilônia.

Enquanto eles estiveram na miséria do cativeiro, tiveram tempo para considerar a situação e, ao olhar para trás, foi isto o que encontraram. As coisas haviam corrido bem para eles por certo tempo; eles haviam sido colocados na sua terra por Deus e ali experimentaram a bênção e a prosperidade. Então, as coisas começaram a dar errado.

Naquela situação eles começaram a ser procurados por uma série de pessoas. Homens aos quais eles designaram profetas — mestres que alegavam ser profundos conhecedores dos negócios e da história — declararam que, como resultado de seus estudos e meditações, poderiam aconselhar o povo. Efetivamente, sua mensagem era: embora as coisas não estivessem bem, não havia nada com que se alarmar. Se as pessoas fizessem uma leve modificação aqui ou ali, tudo ficaria bem consigo.

Contudo, havia certos homens que alegavam ter sido especialmente chamados e enviados por Deus — homens como Isaías, Jeremias e outros —, cujas obras estão registradas no cânon do Antigo Testamento. Eles diziam algo bem diferente: a situação era desesperadamente séria e que, a menos que a nação se arrependesse com pano de saco e cinzas, a calamidade seria iminente. A mensagem desses homens foi tipificada por uma expressão usada pelo profeta Joel: “Rasguem o coração, e não as vestes. Voltem-se para o SENHOR, o seu Deus” (Jl 2.13). A situação, diziam eles,

era tão desesperadamente urgente que nada além da renovação essencial, da humilhação completa diante de Deus e do retorno a ele poderia salvá-los.

Havia uma grande disputa ocorrendo entre os dois grupos. Os falsos profetas ridicularizavam os profetas genuínos e consolavam as pessoas; e o povo se assentava tranquilo em Sião. “Eles descansavam sobre as próprias borras”, como diz uma expressão pitoresca. Eles seguiam felizes, alguns deitados em camas de marfim, entregando-se à lascívia e vivendo para o puro prazer, bebedices e danças. A situação continuou a se degenerar, de ruim para pior, até que, por fim, as previsões dos profetas genuínos foram literalmente cumpridas e o exército caldeu veio e demoliu a cidade de Jerusalém, levando o povo cativo para a terra de Babilônia.

Foi isso o que o povo viu quando olhou para trás. E aqui estavam eles agora, na terra dos babilônios, junto a águas estranhas, “desolados”, por assim dizer; acabados. Que esperança haveria para eles? O que eles poderiam fazer? Eles não queriam mais ouvir as palavras dóceis e lisonjeiras dos falsos profetas; finalmente, eles haviam desistido deles. Todavia, o que poderiam fazer? Eles estavam fracos e impotentes; não sabiam para onde ir. De que maneira, portanto, poderiam retornar à sua terra e à grande cidade de Jerusalém? Eles foram envergonhados, humilhados e espezinhadados à vista de todas as nações à sua volta. Que esperança haveria para eles como povo?

Não havia esperança fora das palavras do texto. E assim ela chegou até eles. Havia um homem entre eles chamado Ezequiel a quem a palavra do Senhor veio subitamente. Esta não era a primeira vez que isso ocorria; se vocês lerem

o livro todo, verão que ela surgia repetidas vezes. Ezequiel estava com seu povo, também como cativo; ele se assentava entre deles, tomava parte de sua miséria e vergonha, junto às águas de Babilônia. Só que nessa situação de completo desalento a palavra do Senhor veio a ele, abrindo uma porta, trazendo esperança e mostrando o caminho da libertação.

Isto é bem peculiar à toda a mensagem bíblica. Exatamente o que a Bíblia faz todas as vezes, em todas as gerações, incluindo hoje, porque sem dúvida, nossa situação é estranhamente análoga à dos israelitas quanto à impotência e ao desalento do cativo em Babilônia. Observe nossa história: vivemos a repetição exata do que acabei de descrever. O desastre final ainda não sucedeu, nem a nós, nem ao nosso mundo, mas estamos em apuros.

De modo geral, a pergunta a ser feita é: Qual é o problema? Mais uma vez, vemos a mesma divisão ocorrida nos dias de Israel. Pegamos os jornais, olhamos para a primeira página, e mal sabemos o que pensar. O mundo está ou não em apuros? Pelas últimas notícias, as manchetes, parece não haver nada de errado com o mundo; e por que haveria? Tudo é tão maravilhoso! Vamos aproveitar e nos alegrar! A impressão geral que nos é passada é: “Não, não há nada de muito sério nisso tudo”. Eis as vozes que falam a homens e mulheres dos tempos modernos. Eles têm a impressão de que algo está errado, mas ouvem tantas vozes variadas que acham muito complicado saber se, de fato, deveriam levar as coisas a sério ou não. Tanta ênfase é dada ao puro prazer, ao animalesco, à pura diversão, que as pessoas pensam que a situação não pode ser séria.

Há muitas outras vozes, tais como a que nos vêm pelo rádio. Nós ouvimos seus programas e dizemos: “Muito

bem, agora, vejamos: quanto disso aqui é sério? Há muito pouco. A maior parte é puro entretenimento: ouvimos que devemos rir e nos alegrar juntos. Afinal, não parece haver nada muito sério com que deveríamos nos preocupar?

A seguir, temos a palavra dos políticos: confusas e incertas, que parece não saber para que lado ir, nem o que fazer; e depois, ainda, temos as palavras dos filósofos e poetas. Todos eles, quando reunidos, deixam-nos com a impressão de que, apesar de haver um problema, não há nada desesperadamente errado de verdade. Acima de tudo, nenhum caminho nos é apresentado; nenhuma porta de esperança é aberta diante de nós. Qual deve ser a nossa expectativa? Temos alguma perspectiva de algo melhor?

O que pensar sobre tudo isso à medida que ouvimos todas estas vozes que nos chegam de diferentes direções? Não é tudo uma grande confusão? Não estamos diante da repetição da velha história? Todos estavam tranquilos em Sião, as pessoas só pensavam em se divertir, em gastar todo o seu dinheiro, em desfrutar as coisas enquanto pudessem, em viver o presente, para suprir suas necessidades básicas, dia após dia?

Assim, somos confrontados por esta situação desconcertante. E caso não tivéssemos a palavra da parte do Senhor, de fato, não nos restaria mais nenhuma esperança mesmo. No entanto, ei-la aqui: a mensagem que continua chegando até nós, como foi nos dias de Israel e como sempre tem sido.

A tragédia é que a grande maioria das pessoas parece não prestar atenção nem se preocupar com a mensagem. Para as tais, ela é irrelevante. O mais importante a fazer,

afirmam, é seguir o que dizem as últimas notícias: “Isso, sim, é relevante. A Bíblia não passa de um livro antigo, desatualizado e fora de moda. Ela não tem nada a nos dizer nos dias de hoje”. Assim, eles olham em todas as direções, menos na direção da palavra de Deus, exatamente como fizeram os israelitas.

Por que deveríamos dar ouvidos à Bíblia? Quando consideramos uma passagem bíblica, estamos fazendo algo sábio ou tolo? Estaríamos apenas perpetuando um costume antigo? Ou, seria ela a palavra mais relevante para a humanidade nestes tempos de confusão? Com certeza nada é mais importante para nós que a nossa abordagem total a este livro. Tantas pessoas não são cristãs e estão em apuros, além de perderem as glórias desta salvação porque sua atitude diante da palavra é, de modo geral, errada. Portanto, por que deveríamos ouvir esta mensagem específica?

A razão fundamental para ouvirmos esta mensagem e prestarmos atenção a ela consiste no fato de ser ela a revelação do próprio Deus: “De novo a palavra do SENHOR veio a mim, dizendo...” — ela é singular. Ela está numa categoria diferente de todas as outras.

Não faz parte da pregação do evangelho depreciar tudo o mais (nem em relação a si mesmo). Todavia, cabe-nos dizer que tudo o mais, à parte desta palavra, sempre será de origem humana: palavra de homem, pensamento de homem, entendimento de homem, ideia de homem. A singularidade da mensagem está no fato de ser revelação divina. É o próprio Deus quem fala. Esta é a única razão pela qual sou pregador. Eu não os insultaria ao me postar diante de vocês e transmitir minhas ideias na confusa situação moderna.